

CLÁUDIO VERAS

Alguns teimam em entender ou não o fazem por razões escusas – que se apodam de despeito,

inveja – que a poesia de VCA conjuga sensibilidade e inteligência. Um notável conhecimento do potencial da língua e sua atualização objetiva no colo de um lirismo meio absoluto. Uma funda dialética rege sua visão (de VCA) política do mundo, do homem, da sociedade, postada ante o texto que a desvela, encarnada na palavra que dita essa (sua) visão.

Há em Vital Corrêa de Araújo uma profunda e vital autoconsciência da vida (da vida do ser, não dois seus ornatos e decorações) humana. A propósito, VCA sempre enfatizou o dito de Terêncio (que ele trouxe de Marx): nada do que seja humano é estranho.

Somente através da poesia, ele dispôs de condições de materializar – em poemas quase sublimes – todo o lençol dessa consciência crua e ampla.

Ele assumiu a consciência infeliz, cindada do homem na visão hegeliana e a contrapôs à consciência do ser temporal, com substância no homem atual, de forma que tornou possível uma visão humanizadora dos objetos culturais ou não, que sua poesia expressa.

Ele bebeu essa força do imaginário sem precedentes no profundo conhecimento que detém, desde 1980, do expressionismo poético alemão, confirme o seu ensaio sobre o tema.

A poesia de VCA é única. É como se fosse uma vertigem viva. Um dínamo verbal vivo. É algo quase apocalíptico. Uma sucessão mui pouco finita de imagem em catadupa. Uma cascata de visões do mundo traduzidas em palavras que as refletem vivamente e as realizam.

O POETA V

Escrito por Administrator

Seus livros de poemas no prelo: A eternidade é inútil Boceta de Pandora, Mostre seu cu, Ápeiron e outros de VCA, bem representam o edifício de suas visões da práxis humana. São empresas da sinceridade e do assombro. Ênfase: a sinceridade erótica em Vital é surpreendente.

{comments on}